

ANA MARIA SIQUEIRA SILVA

VERSÃO ALUNO

CONTRIBUIÇÕES
FILOSÓFICAS A PARTIR DA
UTILIZAÇÃO DE MITOS EM
ATIVIDADES EDUCATIVAS

EVANDSON PAIVA FERREIRA
(Orientador)



Prof. Me. Gil Barreto Ribeiro (PUC Goiás)

Diretor Editorial
Presidente do Conselho Editorial

Dr. Cristiano S. Araujo

Assessor

Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Administrativa
Presidente da Editora

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Solange Martins Oliveira Magalhães (UFG)
Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Profa. Dra. Helenides Mendonça (PUC Goiás)
Prof. Dr. Henryk Siewierski (UnB)
Prof. Dr. João Batista Cardoso (UFG Catalão)
Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP)
Profa. Me. Margareth Leber Macedo (UFT)
Profa. Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno (UFG)
Prof. Dr. Nivaldo dos Santos (PUC Goiás)
Profa. Dra. Leila Bijos (UnB)
Prof. Dr. Ricardo Antunes de Sá (UFPR)
Profa. Dra. Telma do Nascimento Durães (UFG)
Profa. Dra. Terezinha Camargo Magalhães (UNEB)
Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)
Profa. Dra. Elisângela Aparecida Pereira de Melo (UFT)

ANA MARIA SIQUEIRA SILVA

VERSÃO ALUNO

CONTRIBUIÇÕES
FILOSÓFICAS A PARTIR DA
UTILIZAÇÃO DE MITOS EM
ATIVIDADES EDUCATIVAS

EVANDSON PAIVA FERREIRA
(Orientador)

Goiânia - Goiás
Editora Espaço Acadêmico
- 2020 -

Copyright © 2020 Ana Maria Siqueira Silva
Co-autor: Evandson Paiva Ferreira

Editora Espaço Acadêmico

Endereço: Rua do Saveiro, Quadra 15, Lote 22, Casa 2
Jardim Atlântico - CEP: 74.343-510 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 24.730.953/0001-73
Site: <http://editoraespaocoacademico.com.br/>

Contatos:

Prof. Gil Barreto - (62) 98345-2156 / (62) 3946-1080
Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Editoração e Capa: Larissa Luz dos Santos
Direito de Imagem: pixabay - GDJ

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

S586c Silva, Ana Maria Siqueira.

Contribuições filosóficas a partir da utilização de mitos em atividades educativas : versão do aluno [livro eletrônico] / Ana Maria Siqueira Silva ; orientador Evandson Paiva Ferreira. – Goiânia : Editora Espaço Acadêmico, 2020.

36 p. ; Ebook.

Bibliografia

ISBN 978-65-00-03697-8

1. Filosofia. 2. Filosofia - ensino. I. Ferreira, Evandson Paiva (orientador). II. Título.

CDU 1:37

Índice para catálogo sistemático

1. Filosofia – ensino..... 1:37

Publicação financiada pelo EDITAL N° 004/2019 APOIO A PRODUTOS E MATERIAIS EDUCACIONAIS do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) - do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG).

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei n° 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*
2020



SUMÁRIO

PREFÁCIO7

CONSIDERAÇÕES PARA O PROFESSOR11

AULAS 1 e 2

A Fúria de Titãs - o Filme15

AULA 3

Pesquisa de imagens sobre a Grécia para contextualização15

AULA 4

Atividade 1: Produção de texto15

AULA 5

Atividade 1.2: Nosso projeto utilizará muita arte, muitos desenhos!16



AULA 6	
Redação narrativa – Tipos e dicas de como escrever	16
AULA 7	
Por que os gregos?	18
AULA 8	
Atividade 2: Vamos Pensar?!	20
AULAS 9 & 10	
As Musas	20
AULA 10	
Atividade 3 (em casa): Vamos pensar? Qual a importância da memória?	22
AULAS 11, 12, 13 & 14	
A Origem dos Deuses	22
Os Deuses Primordiais	23
4ª Atividade	25
AULAS 15, 16, 17 & 18	
História do Céu e de Crono	25
5ª Atividade	28
AULAS 19, 20, 21 & 22	
Nascimento de Zeus	29
6ª Atividade	32
AULA 23	
7ª Atividade	32
REFERÊNCIAS	33



PREFÁCIO

Quando pensamos em educação no Brasil, a primeira ideia que vem à nossa mente é a falta de qualidade, baixos rendimento escolar, profissionais desvalorizados, péssima infraestrutura. Essa situação, que é real, não há como negar, muitas vezes oculta outra, aquela que tem dado certo. O Brasil tem educadores e pesquisadores da educação que vem inovando, criando práticas pedagógicas que dão um novo sentido para a educação escolar. Ocorre que tais iniciativas muitas vezes ficam restritas a uma escola ou a uma região, ou ainda ao universo da pesquisa científica. O desafio é fazer com que projetos e ações pedagógicas bem-sucedidas possam ser socializadas, que possam sair do ambiente acadêmico e chegar à sala de aula.

Em especial para o pesquisador acadêmico, aquele faz um mestrado ou um doutorado, se vê diante



desta situação: como fazer sua pesquisa chegar ao professor na sala de aula, ao cotidiano escolar? Ou mesmo se interroga se aquilo que ele produz no ambiente universitário é viável para o professor da educação básica, dada a situação precária em que o ensino se dá, em especial nas escolas públicas. Provocado por tais questões, muitos pesquisadores têm-se colocado o desafio de tentar transpor tais barreiras e chegar à sala de aula, ao professor que ali está, não para dizer o que fazer, mas com ele pensar um modo diferente de realizar a formação escolar.

Se o ensino em si encontra uma série de dificuldades dadas pela realidade, o que pensar do ensino de algumas disciplinas que são marginalizadas na organização escolar. É o caso da Filosofia, que com carga horária reduzida, luta para conquistar sua legitimidade e valorização dentro do currículo do Ensino Médio. Embora se reconheça seu papel na formação de pensamento crítico, muitas vezes a sua utilidade é posta em questão diante da necessidade de se educar para o mundo imediato. Se na academia a Filosofia é ensinada como uma reflexão altamente elaborada, na educação básica ela tem que lidar com alunos muitas vezes com déficit de leitura e um universo cultural bastante limitado. Como, então, pensar filosoficamente em sala de aula tendo tantos elementos restritivos?

Se o ensino da Filosofia no Ensino Médio já enfrenta todas estas dificuldades, o que mais poderíamos pensar no caso de seu ensino ser estendido para o Ensino Fundamental? Como convencer a burocracia escolar, os pais e mesmo os alunos de sua importância na sua formação integral?



Todas estas questões são assumidas pela autora. Como aluna de um mestrado em ensino na educação básica, Ana Siqueira se propõe a romper com velhas práticas pedagógicas que reproduzem e perpetuam um modelo educacional alicerçado na prática sem reflexão. Parte da escola pública que temos em direção àquela que sonhamos ter. É uma pesquisadora que rompe com a ideia de que pesquisas acadêmicas não chegam à escola, seja porque são inviáveis do ponto de vista prático, seja porque não falam para o professor e alunos reais da escola real.

Seu trabalho de pesquisa é na sala de aula, em seu local de trabalho. Se propõe a desenvolver um trabalho de natureza filosófica com seus alunos, dando vida a cada conteúdo trabalhado, fazendo-os transbordar para o mundo da vida. Ainda que seja professora de Português, suas aulas, aqui propostas como sequência didática, nos remete à experiência de uma aula de filosofia, onde todos são convidados a uma verdadeira experiência do pensamento, rompendo com o aparente, com o habitual, fazendo emergir um novo olhar sobre o que está aí, diante de nossos olhos.

Nesta sequência didática, o aluno é desafiado a escrever, a dizer o mundo a partir de sua própria experiência, mas também a partir do mundo novo com o qual entrará em contato a cada aula. A escrita será, assim, a construção de sentido para seu mundo, um mundo coletivo, em que cada colega também partilhará de suas descobertas. Essa proposta foca, sobretudo, na constituição de uma sensibilidade para consigo mesmo e para com o outro, construindo, portanto, uma trajetória em comum.



O ponto de partida para esta caminhada é o mito grego. Responsável pela construção de um universo cultural comum, o mito grego, assim como narrações míticas de tantas outras civilizações, chegam aos nossos dias, testemunhando o modo de entender e dar significado às coisas de homens e mulheres do passado, mas, também, dizendo para nós muito do que é a humanidade, independentemente de que época histórica estejamos vivendo. O mergulho na narrativa mítica não é para elaborar uma erudição em nossos alunos, mas pensar o que é a experiência humana, seus conflitos, seus desejos, seu modo de existir no mundo.

Com esse trabalho, cada aluno terá a oportunidade de viver uma experiência formativa do olhar, com imagens cuidadosamente escolhidas de obras de arte que participam da leitura do mito; formação da escuta, ouvindo não são o modo peculiar, baseado na oralidade, com que cada frase será lida, e também nas histórias contadas em família; formação da escrita, no exercício de construção de seu próprio texto; formação sobretudo da imaginação, uma vez que o aluno sairá de seu mundo cotidiano, indo a um mundo de fantasia que o faz votar ao *seu* mundo com um novo olhar, um novo pensamento.

Certamente essa sequência didática foi pensada para fazer diferença na vida escolar de cada professor e de cada aluno que for utilizá-lo. Caberá a cada um fazer com o que está escrito aqui ganhe vida, realizando uma verdadeira experiência formativa.

Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira
Professor de Filosofia – Cepae/UFG



CONSIDERAÇÕES PARA O PROFESSOR

Se o lugar da Filosofia no Ensino Fundamental tem sido historicamente restrito, a inserção de crianças e jovens nas discussões relativas a esse campo de estudos, ainda precisa ser amplamente discutida. Alguns filósofos como Rousseau (Emílio), Montaigne (A Educação das Crianças) e até mesmo Kant (Sobre a Pedagogia) dedicaram alguns de seus estudos para pensar a infância. Contudo, a capacidade de filosofar, incluindo jovens e crianças tem sido considerada por poucos pensadores. Matthew Lipman, que desenvolveu um material didático com o objetivo de iniciar a infância na Filosofia, tem um trabalho robusto sobre o assunto, sendo considerado o fundador da Filosofia para Crianças.

Walter Kohan (1999), que foi orientando de Lipman em seu doutoramento, pensa que ao invés



de tentarmos silenciar as crianças, como temos feito historicamente, pelo simples fato de estarem na categoria de não adultos, deveríamos nos preparar para ouvir suas vozes que soam com um pensar, um falar e uma razão que expressam uma filosofia diferente da que estamos acostumados. Nessa perspectiva está também José Barrientos-Rastrojo (2013), o qual concentra sua atuação em Filosofia Aplicada, tem um projeto de Filosofia para Crianças com a utilização de oficinas (talleres), adverte sobre os perigos que supõem a supressão da razão analítica em nossa sociedade e admite que há uma fragilidade na humanidade decorrente de uma ausência na formação de crianças e adolescentes que não estão tendo suas capacidades mínimas desenvolvidas para adquirirem autonomia pessoal e nem para a convivência democrática.

Seguindo as perspectivas teórico-metodológicas dos três estudiosos supracitados, foi elaborada uma sequência didática composta por 23 aulas programadas a partir de fragmentos da Teogonia de Hesíodo. Essas aulas constam de trechos do poema citado, comentários, contextualizações, tendo sido inseridas várias imagens de artistas consagrados para representar os deuses e os acontecimentos mais marcantes da narrativa. A utilização de elementos visuais tem como objetivo facilitar a compreensão e interpretação do poema hesiódico.

O trabalho é relevante por contribuir significativamente para o ensino de Filosofia, notadamente como possibilidade de aplicação no Ensino Fundamental, para o qual ainda não há variedade considerável de propostas desta natureza. A utilização do material



possibilita a realização de atividades que envolvem a formação mais ampla do ser humano a partir do estudo de um dos textos literários mais antigos que se referem à civilização ocidental: a Teogonia, de Hesíodo, um poema cuja estrutura deixa clara a tradição oral e o modo como os gregos concebiam o mundo.

Pretende-se dar ênfase à forma como o texto foi escrito, combinando as traduções de Jaa Torrano, que procura manter a estrutura dos versos, como também a de Christian Werner, que mantém a numeração dos versos. Tendo em vista que a identidade de um texto é intencional e, como diz o crítico literário Antônio Cândido, (1988, p.180), ao defender o direito à literatura e à arte para as minorias, que “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere”.

Outro aspecto a ser ressaltado com relação à relevância da aplicação do referido projeto refere-se à importância de se reconhecer o papel dialógico em Filosofia com crianças. Rastrojo (2003) e seus colaboradores afirmam que é possível estimular o exercício da escuta e do interesse pelo outro, estimulando o raciocínio, animar a conversação e procurando não falar aleatoriamente, sem fundamento. Os autores concluem ainda que a paixão por unificar as necessidades e interesses das crianças é um erro.

Importa ressaltar ainda que cabe à escola contribuir, a seu modo, com uma formação humana que dê aos estudantes o acesso a um mundo cultural nem sempre acessível a todos, para que conheçam as riquezas já produzidas pela humanidade. É uma tarefa



séria, que não deveria passar pelo funil da utilidade em si mesma, pois o saber é muito mais uma relação de busca do conhecimento, do que de certezas absolutas, ou simples instrumentalização. Para Fernandes (2012, p. 46) “o que está em jogo é a capacidade do homem de alcançar uma compreensão lúcida e transparente da existência de um povo em sua historicidade, em sua liberdade e destino”. Uma das responsabilidades desafiadoras da escola é fazer com que os estudantes se apaixonem pelo mundo da leitura, pelo refinamento teórico, pelos grandes autores.

A previsão para o desenvolvimento da experiência educacional a partir desta sequência didática é de 23 aulas de 45 minutos a 1 hora cada. Contudo, pretendeu-se contemplar a autonomia do professor que queira utilizar este material, mantendo um aspecto flexível. Pode-se adaptar, de acordo com a necessidade e/ou disponibilidade de tempo e espaço, como também pode ser utilizado no Ensino Fundamental, séries finais, bem como no Ensino Médio.

Ao final da realização das atividades, os envolvidos poderão escrever um texto avaliativo a partir de suas impressões das experiências vividas, como também tenham a oportunidade de exercer a livre criação a partir das aulas. Não somente texto. Proponho a livre criação mesmo: textos, desenhos, teatro, dança...obras de arte diversas. E proponho ainda que seja feita uma exposição dessas obras criadas por eles, dependendo da disponibilidade de espaço e tempo da escola para exercitar a capacidade criativa dos indivíduos em tempo de contra verdades.



AULAS 1 & 2

A Fúria de Titãs - o Filme

Assistiremos a um filme que aborda o tema *Mitologia Grega* para tentarmos compreender melhor o universo dos mitos gregos. Trata-se de *A Fúria dos Titãs*. Há duas versões: Um, produzido em 1981, que tem um excelente roteiro, mas talvez você estranhe os efeitos especiais e ache que são mal feitos, o que não é verdade, principalmente se considerarmos a época em que foi lançado. Portanto, a versão escolhida para assistirmos em sala é um remake lançado em 2010, dirigido pelo mesmo diretor do filme “O Incrível Hulk”, de 2008, Louis Leterrier.

Aproveite!!!

AULA 3

Pesquisa de imagens sobre a Grécia para contextualização

Anote o que você achou de mais interessante nas imagens encontradas na internet sobre a Grécia!

AULA 4

Atividade 1: Produção de texto

Esta aula está dedicada à escrita de um resumo do filme *A Fúria de Titãs*! Lembre-se de escrever seu resumo com início, meio e fim! Bom trabalho!

(Obs.: Seus textos ficarão guardados para que, ao final, você mesmo(a) possa comparar suas produções e verificar o que aprendeu!)



AULA 5

Atividade 1.2: Nosso projeto utilizará muita arte, muitos desenhos!

Depois de assistir aos tutoriais de desenho que sua professora disponibilizar, reproduza, colocando em prática o que aprendeu, alguma cena do filme “A Fúria de Titãs” que mais lhe chamou a atenção! Aproveite!

Links para os vídeos:

1. <https://www.youtube.com/watch?v=mrIEL2juD6s>
2. <https://www.youtube.com/watch?v=imiQGaucOS>
3. [E&t=135https://www.youtube.com/watch?v=BcjE_b3FXnE](https://www.youtube.com/watch?v=BcjE_b3FXnE)

* **DICA:** Assista a vídeos disponíveis no Youtube, em sua casa também, para que consiga desenhar cada vez melhor!

AULA 6

Redação narrativa – Tipos e dicas de como escrever

Como escrever um texto narrativo? A estrutura de uma redação narrativa é a seguinte:

1. Apresentação / Introdução
2. Conflitos / Desenvolvimento
3. Clímax / Ápice da história
4. Conclusão / Desfecho

Assim como na redação dissertativa, a narrativa possui os três elementos básicos da estrutura de um texto: **introdução, desenvolvimento e conclusão.**



Na **apresentação ou introdução**, o autor deve apresentar os **personagens** e suas especificidades ao leitor, situá-lo sobre o **espaço** e **tempo** daquela história. Ao **desenvolvimento** cabe a parte dos **conflitos**, onde os personagens encontram-se em situações difíceis e a história deve se desenrolar sem maiores dificuldades. Já o clímax é exatamente o ápice destas situações, a parte “x” que vai prender a atenção do leitor. E a **conclusão** é exatamente o **desfecho destes conflitos**, onde tudo tem ou não uma solução para os personagens.

Os narradores se dividem em três tipos diferentes. São eles:

- Narrador-personagem: Neste caso o narrador participa da história que ele mesmo conta, assumindo assim os dois papéis. Aqui a história é contada sempre em 1º pessoa.
- Narrador-observador: É aquele que apenas observa os fatos e os relata sem interferência alguma. A história aqui é narrada em 3º pessoa.
- Narrador-onisciente: É aquele narrador que sabe de tudo o que se passa na trama e está presente até mesmo nos pensamentos dos personagens. A história neste caso também é contada em 3º pessoa.

Importante também para um bom texto narrativo é a criatividade do autor. Este estilo é, sem dúvida, o que predomina na literatura e não faltam livros para servir de inspiração. Escrever um texto que prenda a

atenção do leitor é essencial, seja este texto um humor, drama ou mesmo um romance.

* Matéria retirado do site: <https://www.estudopratico.com.br/redacao-narrativa-tipos-e-dicas-de-como-escrever/>

* Débora Silva é graduada em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas).

AULA 7

Por que os gregos?

O que havia antes de não haver coisa alguma? Como começou tudo? De onde veio o universo? A Terra? As estrelas? O dia? A noite? A morte? A vingança? O amor?

Os gregos responderam a essas e outras perguntas com mitos. Talvez porque os elementos da natureza, na Grécia, são tão arrebatadores e incríveis, eles realmente acreditaram que aquele mar maravilhoso, extremamente azul e transparente era morada de um deus ou que o Hades esteja no subterrâneo por conta das inúmeras cavernas as quais



Navagio Beach, Zakynthos island in Greece. Imagem disponibilizada em: <https://bit.ly/2mbnxmU>

não sabiam onde poderiam chegar. Vejam essa imagem que representa uma pequena parcela das paisagens gregas e imagine-se nesse lugar. Agora, imagine que



você não conhece as teorias sobre a origem do mundo e das coisas. Pois foi mais ou menos isso que ocorreu com os gregos. Eles foram um povo muito curioso e organizado. Valorizavam a beleza, as tradições, a cultura no geral e em especial as artes. Da cultura desse povo herdamos inúmeras coisas: A Filosofia que mais conhecemos, o modo como a nosso sistema político (e de outros países) é organizado, as regras do direito, a literatura, as olimpíadas e inúmeras outras coisas.

Você conhece alguma história da mitologia grega? Provavelmente já assistiu a algum filme ou participou de algum jogo com esse tema. Tente se lembrar dos personagens e seus feitos.

Mas para aprofundarmos melhor nesse estudo, tentemos responder: O que é um mito? O que é um mito grego?

Podemos conceituar como um relato, uma história, que na sua origem era transmitida de forma oral. Mas eles só chegaram até nós na forma de textos escritos e, por isso mesmo acabaram perdendo um pouco do encanto original, uma vez que não conseguiremos resgatar o ambiente, o contexto em que essas histórias incríveis eram contadas. Vernant, um estudioso dessa arte grega, diz que “mito e mitologia são palavras gregas ligadas à história e a certos traços da nossa civilização” (VERNANT, 2000, p.11). Então, partindo desse pressuposto, poderemos afirmar que estudar a mitologia grega é conhecer melhor nossas próprias origens!

AULA 8

Atividade 2: Vamos Pensar?!

Você conhece algum mito na atualidade? Que tipo de coisa os mitos que você conhece tentam explicar? Escreva um mito que você conhece!



Hesíodo e a Musa. 1891. Óleo sobre Tela. Musée d'Orsay, Paris, France. Domí. Público.

AULAS 9 & 10

As Musas

Como já foi dito, os versos eram transmitidos entre gerações, de modo cantado, pelos *aedos*, indivíduos que viajavam fazendo da sua arte a própria vida. Eles tinham os versos guardados na mente e os recitavam sem ter acesso a sinais escritos, até porque a escrita passou a existir na Grécia após os séculos VI e VII a. C. Justifica-se, então, a importância do culto à deusa memória, que é uma memória cósmica, porque é filha de dois seres primordiais (céu e terra).

Hesíodo invoca, então, as musas e o canto que ele pede a elas é o mesmo que cantam para Zeus, no Olimpo. As musas seriam, então, uma espécie de garantia da verdade do canto. Hesíodo (2003, p. 88, vv. 1-2) começa a Teogonia dizendo que foi interpelado pelas musas (filhas de Zeus e Memória): “Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto/quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino”. Mas é importante

lembrar que Hesíodo não fala do ponto de vista divino, é um poeta que canta a partir do trabalho humano e não esquece a fragilidade da natureza humana. Além disso, reproduz um conhecimento que já era de domínio público por meio dos contos orais.



Minerva visitando as Musas no Monte Hélicon. Joos de Momper. Século XVII. Óleo sobre Tela, 140 x 199 cm. Royal Museum of Fine Arts Antwerp. Domínio Público.

Nas palavras das musas: “Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só, sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”. (HESÍODO, 2003, vv. 26-27). As musas dirão aos seres humanos muitas verdades, mas também dirão muitas mentiras. O que, de certa forma, aproxima a verdade da mentira; o que é e o que não é; similitude e fato. Pois o que parece ser não é; mas se assemelha ao real, à verdade. As musas eram nove. Calíope, a de bela voz, sua arte era a eloquência. Clio, a proclamadora, apegava-se à História. Erato, a amável, cuja arte era a poesia lírica, Euterpe, a doadora de prazeres, tinha como arte a música; Melpômene,

a poetisa, inspirava a tragédia; Polímnia, a de muitos hinos, sua arte era a música cerimonial ou sacra; Tália, a que faz brotar flores, cuja arte era a comédia, Terpsícore, a rodopiante, sua arte era a dança e Urânia, a celestial, sua arte era a astronomia ou astrologia.

AULA 10

Atividade 3 (em casa):

Vamos pensar?

Qual a importância da memória?

Peça a uma pessoa querida, mais velha, que lhe conte uma história ou cante para você, uma música da sua época! Você verá que será uma experiência incrível! Em seguida, escreva a história e a música que você ouviu no caderno de textos! Aproveite!

AULAS 11, 12, 13 & 14

A Origem dos Deuses

Nesta parte, entraremos em contato com o texto original da Teogonia, de Hesíodo. É um texto antigo e talvez você ache estranho, no início. Mas com o tempo,



perceberá que será uma experiência incrível desvendar os mistérios da origem dos deuses gregos! Coragem!

A mitologia grega, desde sua origem, desperta a curiosidade das

pessoas, em especial dos pintores, escultores e artistas em geral. Por isso, ao longo deste estudo, veremos alguns exemplos de obras que retratam a mitologia grega, como no exemplo abaixo:

Parte central de um grande mosaico de chão, de uma villa romana em Sentinum (agora conhecido como Sassoferrato, em Marche, Itália), 200-250 a. C, aproximadamente. Aion, o deus da eternidade, está dentro de uma esfera celestial decorada com signos do zodíaco, entre uma árvore verde e uma árvore nua (verão e inverno, respectivamente). Sentado na frente dele está a deusa mãe-terra, Tellus (a contraparte romana de Gaia) com seus quatro filhos, que possivelmente representam as quatro estações do ano.

OS DEUSES PRIMORDIAIS

Bem no início, Abismo nasceu; depois, Terra largo-peito, de todos assento sempre estável, dos imortais que possuem o pico do Olimpo nevado, e Tártaro brumoso no recesso da terra largas-rotas, e Eros que é o mais belo entre Deuses imortais,⁽¹²⁰⁾ o solta-membros, e de todos os deuses e todos os homens subjugam, no peito, espírito e decisão refletida.

De Abismo nasceram
Escuridão e negra Noite.



Magnum Chaos (do latim, “Grande Caos”) Basílica de Santa Maria Maior, Bérgamo, por Giovan Francesco Capoferri, sobre desenho de Lorenzo Lotto. Domínio Público.



Gaea, by Anselm Feuerbach (1875) Domínio Público

De Noite, então, Éter e dia nasceram, que gerou, grávida, após com Escuridão unir-se em amor. ⁽¹²⁵⁾

Terra primeiro gerou igual a ela, o estrelado Céu, a fim de encobri-la por inteiro para ser, dos deuses venturosos, assento sempre estável.

Gerou as enormes montanhas, refúgios graciosos de deusas, as Ninfas, que habitam montanhas matosas ⁽¹³⁰⁾

Pariu também o ruidoso pélogo, furioso nas ondas. Mar, sem amor desejan- te; e então deitou-se com Céu e pariu Oceano funda- corrente, Coio, Creio, Hipérion, Jápeto, Teia, Reia, Norma, Memória⁽¹³⁵⁾ Febe coroa-dourada e a atraente Tétis.



Oceano ou Netuno em mosaico. Coleção do National Museum, Tunis. Período: Império Romano.

Depois deles, o mais novo nasceu, Crono curva- astúcia, o mais fero dos filhos; e odiou o viçoso pai.

* **NOTAS: 1** - Na tradução de Christian Werner, optou por Abismo. Outros tradutores preferem Khaos, mas sempre significa um vazio sem forma, e não uma matéria indistinta.

4ª Atividade:

4.1 - Inicie o trabalho do glossário: sublinhe todas as palavras que você não conhece e procure o significado no dicionário. Em seguida, leia novamente, trocando as palavras desconhecidas pelas que você encontrou no dicionário e aproveite o poema!



Mnemósine. Escultura em granito. Por Fredrik K.B. 2008.

4.2 - Faça um desenho representando o que você leu, depois de assistir tutoriais de desenho que sua professora lhe mostrar, bem como os que você pesquisar!

4.3 - Reescreva as informações do poema em forma de narrativa (lembre-se dos elementos da narrativa, já estudados).

Aproveite!

AULAS 15, 16, 17 e 18 **História do Céu e de Crono**

Pois quantos de Terra e Céu nasceram, os mais feros dos filhos, por seu pai foram odiados⁽¹⁵⁵⁾ desde o princípio: assim que nascesse um deles, a todos ocultava, não os deixava para a luz subir, no recesso da Terra, e com o feito vil regozijava-se Céu. Ela dentro gemia, a portentosa Terra, constrita, e planejou ardiloso, nocivo estratagema.⁽¹⁶⁰⁾

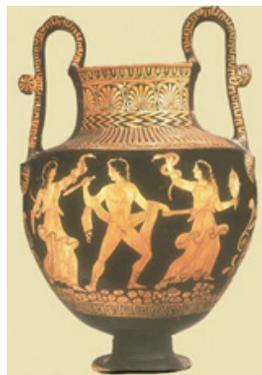
De pronto criou a espécie do cinzento adamant, fabricou grande foice e mostrou-a aos filhos.

Atiçando-os, disse: agastada no caro coração:

“Filhos meus e do pai iníquo, caso quiserdes, obedecei: vingar-nos-íamos da vil ofensa do pai, ⁽¹⁶⁵⁾ vosso, o primeiro a armar feitos ultrajantes”.

Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa: “Mãe, isso sob promessa eu cumpriria, ⁽¹⁷⁰⁾ o feito, pois, desconsidero o inominável pai nosso, o primeiro a armar feitos ultrajantes”. Assim falou; muito alegrou-se no juízo a portentosa Terra.

Escondeu-o numa tocaia, colocou em suas mãos a foice serridêntea e instruiu-o em todo o ardil. ⁽¹⁷⁵⁾



Orestes atormentado pelas Erínias em ânfora grega (380 a.C.)



Cronus (Saturno) castra seu pai Urano, o deus do céu grego (antes de Zeus) Giorgio Vasari e Cristofano Gherardi. Óleo sobre tela, Século XV. Palazzo Vecchio. Florença, Itália.



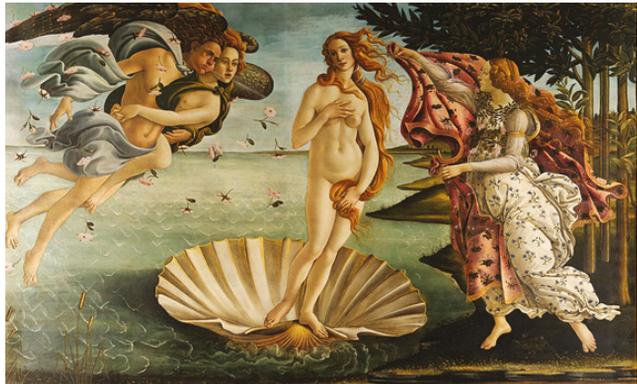
Veio, trazendo a noite, o grande Céu, e em torno de Terra estendeu-se e estirou-se em toda direção. O outro, o filho, da tocaia a mão esticou, a esquerda, e com a direita pegou a foice portentosa, grande, serrilhada, os genitais do caro pai ⁽¹⁸⁰⁾ com avidez ceifou e lançou para trás, que fossem embora.

Mas ao escaparem da mão, não ficaram sem efeito: tantas gotas de sangue quantas escapuliram Terra a todas recebeu. Após os anos volverem-se, gerou as Erínias brutais e os grandes Gigantes ⁽¹⁸⁵⁾ luzidios em armas, com longas lanças nas mãos, e as Ninfas que chamam Mélias na terra sem fim.

Os órgãos, quando primeiro os cortou com adamantos, lançou-os para baixo, da costa ao mar mui encapelado, levou-os o pélagos muito tempo, e em volta, branca ⁽¹⁹⁰⁾ espuma lançou-se da carne imortal; e nela moça foi criada. Primeiro da numinosa Cítera chegou-se e então de lá atingiu o oceânico Chipre, e saiu a respeitada, bela Deusa, e grama em volta. Crescia sob os pés esbeltos; a ela Afrodite ⁽¹⁹⁵⁾ espumogênita e Citereia bela-coroa chamam deuses e varões, porque na espuma foi criada; Citereia, pois alcançou Cítera; ⁽²⁰⁰⁾ cipriogênita, pois nasceu em Chipre, cercado-de-mar;

Eros acompanhou-a, Desejo a seguiu, belo, quando ela nasceu e dirigiu-se à tribo dos deuses.

Esta honra desde o início tem e granjeou quinhão entre homens e deuses imortais, palavreado de meninas, sorrisos e farsas, ⁽²⁰⁵⁾ delicioso prazer, amor e afeto.



O Nascimento de Vênus. Sandro Botticelli, 1483. Tempera sobre Tela. Galleria degli Uffizi, Florença, Itália.

5ª Atividade:

5.1 - Assista aos vídeos que sua professora vai mostrar, para compreender melhor a história;

5.2 - Continue o trabalho do glossário: sublinhe todas as palavras que você não conhece e procure o significado no dicionário. Em seguida, leia novamente, trocando as palavras desconhecidas pelas que você encontrou no dicionário e aproveite o poema!

5.3 - Faça um desenho representando o que você leu;

5.4 - Reescreva as informações do poema em forma de narrativa (lembre-se dos elementos da narrativa, já estudados).

AULAS 19, 20, 21 & 22

Nascimento de Zeus

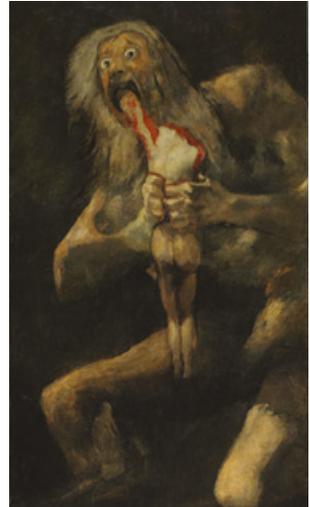
E Reia, subjugada por Crono, pariu filhos insignes, Héstia, Deméter e Hera sandália dourada, e o altivo Hades, que sob a terra habita sua casa ⁽⁴⁵⁵⁾ com coração impiedoso, e Agita-a-Terra ressoa-alto, e o astuto Zeus, pai de deuses e varões, cujo raio sacode a ampla terra.

A esses engolia o grande Crono, quando cada um do sacro ventre aos joelhos da mãe se dirigisse ⁽⁴⁶⁰⁾ pensando isso para nenhum ilustre celeste, um outro entre os imortais, ter honraria real.

Pois escutara de Terra e do estrelado Céu que lhe estava destinado ser subjugado por seu filho - embora mais poderoso, pelos planos do grande Zeus. ⁽⁴⁶⁵⁾

Por isso não mantinha vigia cega, mas, observador, engolia seus filhos; e a Reia dominava aflição inesquecível.

Mas quando iria a Zeus, pai de deuses e varões, parir, nisso então suplicou aos caros genitores, aos seus próprios, Terra e Céu estrelado, ⁽⁴⁷⁰⁾ com ela planejarem ardil para, sem ser notada, parir o caro filho e fazê-lo pagar as erínias do pai e dos filhos que o grande Crono curva-astúcia engolia.



Saturno devorando um filho. Francisco Goya. 1819-1823. Óleo sobre reboco traslado a tela. Museu do Prado, Madrid, Espanha.

Eles à cara filha ouviram bem e obedeceram e lhe apontaram tudo que estava destinado ocorrer ⁽⁴⁷⁵⁾ acerca do rei Crono e do filho destemido.

Enviaram-na a Lictos, à fértil região de Creta, quando iria parir o mais novo dos filhos, o grande Zeus. Recebeu-o a portentosa Terra na ampla Creta para criar e alimentar.



Réa dá a Crono uma pedra em vez de Zeus. 1811. Galerie mythologique, tome 1 d'A.L. Millin

Lá chegou, carregando-o pela negra noite veloz, primeiro a Lictos; pegou-o nos braços e escondeu em gruta

rochosa, sob os recessos numinosos da terra, na montanha Egeia, coberta de mato cerrado.

Em grande pedra pôs um cueiro e lhe estendeu, ao grande senhor filho do Céu, rei dos deuses primevos.

Pegou-a então com as mãos e em seu ventre depositou, o terrível, e não notou o juízo que para ele, no futuro, ao invés de pedra seu filho invencível e sereno ficou, quem logo iria com força e braços subjugar-lo, o despojará de sua honra e entre os imortais regeria.

Eis que celeremente ímpeto e membros insignes do senhor cresceram; após um ano passar, pela sugestão mui refletida de Terra ludibriado, sua prole regurgi-

tou o grande Crono curva-astúcia, vencido pela arte e força do próprio filho.

Primeiro vomitou a pedra, que por último engolira; a ela Zeus fixou na terra largas-rotas, em Delfos divino, nos vales ao pé do Parnaso, sinal aos vindouros, assombro aos homens mortais.

E soltou os irmãos do pai de seus laços ruinosos, filhos de Céu, que prendera o pai por conta de cego juízo eles pela boa ação retribuíram com um favor, e deram-lhe tro-



Imagem de Zeus. Disponível em: <http://www.opencompositing.org/zeus-coloring-page/mesmerizing-zeus-coloring-page-26-on-download-coloring-pages-with-zeus-coloring-page/>

vão, raio clamejante e relâmpago. Antes portentosa Terra os mantivera ocultos; com o apoio deles, rege mortais e imortais.



SANZIO, Raffaello. **O Concílio dos Deuses.** 1517-18. Fresco. Villa Farnesina, Rome. Obra de arte de domínio público disponível em: <https://www.wga.hu/frames-e.html?html/r/raphael/5roma/4a/05farnes.html>



6ª Atividade:

6.1 – Assista aos vídeos que sua professora vai mostrar, para compreender melhor a história.

6.2 – Continue o trabalho do glossário: sublinhe todas as palavras que você não conhece e procure o significado no dicionário. Em seguida, leia novamente, trocando as palavras desconhecidas pelas que você encontrou no dicionário e aproveite o poema!

6.3 – Faça um desenho representando o que você leu, depois de assistir a mais um tutorial sobre desenho que sua professora irá lhe mostrar.

6.4 – Reescreva as informações do poema em forma de narrativa (lembre-se dos elementos da narrativa, já estudados)

AULA 23

7ª Atividade:

Pesquise, no ambiente informatizado, informações sobre os deuses do Olimpo. Em seguida, escolha os que você mais gosta e escreva uma história cheia de aventuras! Depois, ilustre com bastante capricho!

Aproveite!!!!



REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. Direito à Literatura. *In: Vários Escritos*. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1988.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Skholē: O Sentido Fundante da Escola. *In: COELHO, Ildeu Moreira (Org.). Escritos Sobre o Sentido da Escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução e introdução Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HESÍODO. *Teogonia, a Origem dos Deuses*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.



KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para Crianças*. Coleção: O que é necessário saber em Educação sobre... DpA. Rio de Janeiro, 1999.

RASTROJO, José Barrientos. *Filosofia para Niños e Capacitación Democrática Freiriana*. CEFi – Centro de Estudos de Filosofia. Lisboa, 2013.

VERNANT, Jeant-Pierre. *O Universo, os Deuses, os Homens*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Este trabalho é uma sequência didática elaborada e aplicada durante o desenvolvimento do projeto de mestrado “Contribuições Filosóficas a Partir da Utilização de Mitos em Atividades Educativas”. Trata-se de um produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG). São 23 aulas programadas a partir de fragmentos da Teogonia de Hesíodo. Há comentários, contextualizações, como também várias imagens de artistas consagrados para representar os deuses e os acontecimentos mais marcantes da narrativa com o objetivo de, a partir de elementos visuais, facilitar a compreensão e interpretação do poema hesiódico.

Aos professores que se interessarem por este projeto, salienta-se que ele pretende não ser estanque, ou seja, as aulas podem e devem ser reinventadas a cada experiência.

